

A BELA TRAJETÓRIA DE ARNALDO SARAIVA

LUCILA NOGUEIRA

Universidade Federal de Pernambuco
lucnog1@gmail.com

Era tarde nublada e chuvosa de 1997. Cidade do Porto. Fui até a Faculdade de Letras, em um café defronte iria conhecer Arnaldo Saraiva, convidá-lo a ser correspondente da revista de Lusofonia Encontro, que dirigi cinco números no Gabinete Português de Leitura do Recife. Não sabemos bem como e porque as coisas se sucedem, só depois de algum tempo é que nos vem a aventura da recordação. E aí observamos com nitidez esses momentos especiais que dão início a uma amizade e cooperação intelectual de que não temos medida no instante mesmo em que principia.

Acompanhava-me o primo afim José Manoel nessa empreitada, dando força a uma timidez intervalada que me acorre embora nunca me deixe vencer por ela. Conheci o professor de literatura brasileira referência na Europa voltando de uma editora onde havia ido fazer uma revisão de originais. Eu estava impregnada do sentido de missão em emprestar meus conhecimentos e meu passo esfuziante à revista, fortalecendo-a e dando-lhe visibilidade. Estava também consciente do que significa o fato de conhecermos uma pessoa, do quanto ela pode ou não corresponder ao encantamento em torno do seu nome.

Em Arnaldo Saraiva percebi o triunfo discreto da garra e da sensibilidade, o olhar atravessado de utopia e caminhada diária. Aqueles mesmos olhos do meu pai me reconduziam de uma certa forma à minha própria identidade. A conversa não foi demorada. Resultaram firmes, contudo, os seus postulados. Naquele tempo eu ia a Portugal quase todo ano e voltei no seguinte, para lançamento em Lisboa. Era uma homenagem na verdade a meu pai aquela edição pela Árion, pedira indicação e apoio porque se tratava de um resgate, do meu pai que morrera sem voltar à sua pátria. Ainda ouço a voz que me

apresentava como poeta desconhecida na Embaixada e a pergunta incisiva: onde estão os brasileiros? Não compreendia ainda que toda ação na área da cultura por mais suave que seja de intenções tem sob sua aparência muitas vezes um tsunami ou terremoto de que não nos damos conta a não ser muito tempo após o último ato. Enfim, dediquei o livro (*Zinganares*) aos primos portugueses/brasileiros e aos que se envolveram no seu nascimento.

A elegância de Arnaldo ultrapassava questões de educação formal, chegava até a alma das pessoas. Mantinha-se intacta após experiências que poderiam resvalar até a vulgaridade. Um mestre, um educador, um pesquisador, um editor. Um poeta que de alguma maneira sacrificou o ímpeto celta originário à disciplina diária da sala de aula, ao domínio extraordinário do ensaio. Um remanescente impecável da seita ancestral da amizade. Capaz da alegria, voltaria ao Recife no II Seminário de Lusografias de 1999.

Traria nos olhos a tristeza pela morte de João Cabral naquele ano, com quem tivera oportunidade de trocar algumas palavras no apartamento do Flamengo do poeta pernambucano. Inda assim, conseguiria amenizar na paranormal viagem a que o convidei em Maria Farinha em um barco sem salva-vidas para chegar a tempo de almoçar com os outros convidados.

Voltaria a vê-lo em 2000, no belo congresso que organizou por ocasião dos quinhentos anos de encontro das culturas. Foi nessa ocasião que tive a chance de sentar e ser fotografada na cadeira de Camilo Castelo Branco, bem como de visitar a casa de Eça de Queirós. Foi feito no evento o lançamento da Revista Encontro, que chegou a ter vinte e dois correspondentes no exterior. Estaria, por sua vez, Arnaldo presente ao II Congresso brasileiro de escritores em Pernambuco, realizado no Mar Hotel, com participação de autores da França, da Itália, entre outros países.

Eu, de minha parte, voltaria a Portugal no segundo semestre, para o III Seminário de Lusografias, quando em companhia de intelectuais brasileiros estivemos com companheiros portugueses e africanos. Por certo as ladeiras de Évora ainda ouvem o canto do poeta Ângelo Monteiro, o recital de Pedro Lyra, minhas indagações em circunlóquio ao oráculo do templo da Diana. Para além dos itinerários pessoais, o que vivem os escritores e intelectuais é quase sempre história da literatura.

Escrevia por esse tempo minha tese sobre Cabral, com quem Arnaldo havia convivido ao tempo da função do poeta pernambucano como cônsul no Porto. Enviou-me muito material de publicação em jornais portugueses alusivo ao autor de *Morte e Vida Severina* e *O cão sem Plumaz*, permitindo ser esse aspecto um dos diferenciais desse texto acadêmico. E compareceu fielmente à defesa, em 2002, junto com Antonio Carlos Secchin, proferindo palestra à noite no bairro de Casa Forte. Divulgou o trabalho de modo tão honroso que chegou a vir professor de Coimbra em busca de a ele ter acesso, tudo isso em um clima de naturalidade fraterna.

Outras vezes viria ao Recife, algumas por desdobramento de participações em Salvador, Maceió e João Pessoa, quando sempre procuraria satisfazer sua paixão pelos

cordéis e pela cultura popular. Por duas vezes consegui satisfazer sua vontade de estar com Ariano Suassuna, ao que me retribuiu com inesquecível visita a Eugênio de Andrade, cuja Fundação viria posteriormente a dirigir. Acolheu com simplicidade indicação do doutorando Marcos Morais para estudo sobre a poesia pernambucana, havendo estado comigo e sua orientanda Ângela Sarmiento na residência da viúva do grande luso-descendente Carlos Pena Filho, tese defendida na Faculdade do Porto. Evoco até hoje a inflexão de sua voz no Passeio Alegre ao dar emocionante depoimento sobre a contemporânea Luiza Neto Jorge para a nossa pesquisa acadêmica sobre essa autora e Dalila Pereira da Costa. Nessa oportunidade me fez chegar às mãos o índice especial sobre Inês de Castro organizado por sua mulher Fátima Marinho no mesmo ano comemorativo em que também publicamos no Recife vasta coletânea didática sobre a heroína galega dos *Lusíadas*. Vale lembrar, os livros de Fátima sobre o romance histórico e o surrealismo em Portugal já estavam incorporados à nossa bibliografia de sala de aula em Pernambuco. Trocas que caracterizam um intercâmbio intenso de nossas culturas, amadas em reciprocidade dinâmica, íntegra e natural.

Apliquei com meus alunos seu livro sobre o modernismo português e o brasileiro, descrevendo sua posição a partir também do estudo conjugado da Revista *Orpheu*, nascida do esforço conjunto de portugueses e brasileiros, sete anos antes da semana de arte moderna de São Paulo. Sim, a historiografia literária não permite silenciar que antes de Oswald de Andrade fazer a ponte com a França, os poetas brasileiros Eduardo Guimaraens e Ronald de Carvalho já estavam integrados com a Europa e a vanguarda portuguesa de que o simbolismo era a fonte, sendo este último inclusive o primeiro diretor do periódico que instaurou o modernismo em terras lusitanas.

Desde a recente tradução que realizou dos poemas de Guilherme IX de Aquitânia, aos seus primeiros livros de poemas e entrevistas com autores como o nosso Carlos Drummond de Andrade, de cuja obra organizou edição, a vida de Arnaldo Saraiva tem sido esse constante caminhar de idéias e sensibilidade, na correção, entusiasmo e delicadeza dos grandes profissionais da literatura.

Compareci com encantamento e acarinhada por doze anos de amizade no dia 24 de setembro do ano passado à Academia Brasileira de Letras para assistir à sua posse como sócio-correspondente na Europa dessa instituição, em tempos duros de acordo ortográfico, como bem precisou Antonio Carlos Secchin em seu discurso de recepção, após destacar sua condição de professor que mais divulga a literatura brasileira em Portugal.

Daí ser essa homenagem que lhe faz agora a Faculdade de Letras do Porto o reconhecimento em sua própria casa e terra de tudo aquilo que já tomou conhecimento e celebrou a lusofonia em tantos territórios, geográficos e culturais.